

Perspectivas da biblioteca e do bibliotecário na década de 1980: um olhar acerca dos artigos publicados na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG

Gabrielle Francinne de S.C Tanus
gfrancinne@gmail.com

Bianca Vitória da Silva
bianca.silva.707@ufrn.edu.br

Recebido em: 25 set. 2023
Aceito em: 15 out. 2023

Resumo

A pesquisa tem como foco a discussão de dois conceitos centrais para a Biblioteconomia que é o de biblioteca e de bibliotecário. Como fonte de análise dos discursos utilizamos a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, e os artigos selecionados vinculados, particularmente, à década de 1980. Quanto aos objetivos a pesquisa se caracteriza como exploratória, qualitativa e utiliza o método bibliográfico, pois se baseia na mobilização e na leitura dos artigos publicados na referida revista. A década selecionada possui diversos discursos relacionados às bibliotecas e aos bibliotecários, sobretudo, à biblioteca pública que foi amplamente discutida neste período, do mesmo modo que a importância e a função social do bibliotecário. Foram encontrados também artigos que revelavam a preocupação com o ensino da Biblioteconomia, controle bibliográfico, automação, a importância do usuário, das cooperações (constituição de redes, empréstimos entre bibliotecas), acervos de materiais audiovisuais, não convencionais e planejamento de bibliotecas. Podemos dizer que há uma presença do pensamento crítico em vários artigos que revelam o quanto é prejudicial o modelo fechado/burocrático da biblioteca, a apatia dos bibliotecários, a absorção de normas, padrões, serviços institucionalizados sem reflexões sobre a comunidade e as dimensões política, cultural, econômica que são traços distintivos da realidade brasileira.

Palavras-chave: epistemologia da biblioteconomia. Institucionalização da biblioteconomia. biblioteconomia brasileira. pensamento crítico.

*Perspectives of the library and the librarian in the 1980's: look at the
articles published in the Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*

Abstract

The research focuses on the discussion of two central concepts for Librarianship, that of library and librarian. The Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG was used to analyze the discourses, and the selected articles linked, particularly, to the 1980s. As for the objectives, the research is characterized as exploratory, and qualitative and uses the

bibliographic method, since it is based on the mobilization and reading of the articles published in that journal. The selected decade has several discourses related to libraries and librarians, especially the public library, which was widely discussed in this period, as well as the importance and social function of the librarian. Articles were also found that revealed the concern with the teaching of Librarianship, bibliographic control, automation, the importance of the user, cooperation (building networks, loans between libraries), collections of audiovisual and non-conventional materials, and library planning. We can say that there is a presence of critical thinking in several articles that reveal how harmful the closed model of the library is, the apathy of librarians, the absorption of norms, standards, and services without reflections on the community and the political, cultural, economic dimensions which are distinctive features of the Brazilian reality.

Keywords: *epistemology of librarianship. institutionalization of librarianship. Brazilian librarianship. critical thinking.*

1 INTRODUÇÃO

A institucionalização da Biblioteconomia vem sendo estudada a partir de diferentes perspectivas, sendo a produção acadêmica uma delas. Tais produções podem ser veiculadas em diversas fontes de informação, sendo o periódico um canal formal de comunicação científica. Os periódicos científicos surgiram com o propósito de servir como um registro público do conhecimento fruto das pesquisas científicas, cumprindo uma função social relevante ao disseminar as informações científicas, bem como atestar o registro autoral diante do exposto, entre outras finalidades. Sem adentrar na questão histórica dos periódicos, destacamos a sua incontestante importância para a ciência e para a sociedade em geral. Tenopir e King (2001, p. 8) afirmam:

[...] descobrimos consistentemente que a informação contida nos periódicos se presta a muitas finalidades (pesquisa, ensino, serviços de alerta, leitura básica etc.) para os cientistas, tanto no contexto universitário quanto no não universitário. Esses cientistas relatam que os artigos de periódicos são de grande importância para seu trabalho, mais do que qualquer outro recurso informacional.

Fica evidente a relevância dos periódicos para as diversas áreas do conhecimento, tendo, hoje, atualmente, uma quantidade expressiva de periódicos nacionais e internacionais. No cenário da Biblioteconomia brasileira pode se considerar tardia a sua criação, isto é, foi durante a década de 1970 a edição dos primeiros fascículos (Souza, 2009). Um dos exemplos dos primeiros periódicos que surgiu nesse período foi a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG¹, que foi selecionada como objeto de estudo, tendo seu primeiro volume publicado em 1972², sendo o último

¹ A Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG aceita trabalhos para a publicação que tenham por objetivo contribuir para o desenvolvimento da literatura da Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação, Arquivologia e áreas afins, em língua portuguesa bem como com o ensino da Biblioteconomia a nível de graduação e pós-graduação. É também política da Revista divulgar trabalhos resultantes de pesquisas realizadas que versem sobre Biblioteconomia e áreas afins, servido como um canal de comunicação formal entre os profissionais (Caldeira, 1990).

² Neste mesmo ano foi lançada o periódico *Ciência da Informação* do então o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), desde 1976, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). A motivação desta revista está associada à implantação também do primeiro programa de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil e na América latina, em 1970.

registrado em 1995, configurando 23 anos de publicação na área. Vale a pena mencionar que a referida publicação passou a se chamar *Perspectivas em Ciência da Informação*, desde 1996, e continua até hoje sendo publicada pela, então, Escola de Ciência da Informação (antiga Escola de Biblioteconomia).

Quanto à busca pela compreensão de um campo científico a partir das suas publicações e/ou periódicos há uma diversidade de estudos que se apoiam nos estudos métricos, como, por exemplo, da bibliometria e da cientometria. Na direção mais qualitativa dos estudos epistemológicos da produção da Biblioteconomia destacamos dois artigos que se concentraram em analisar os artigos acadêmicos. Assim, a Revista de Biblioteconomia de Brasília, durante as décadas de 1970 e 1980, foi estudada por Tanus, Silva e Oliveira (2023) e Tanus, Oliveira e Araújo (2022). Dentro desse escopo de compreensão dos conceitos de biblioteca e bibliotecário, agora, partindo da Revista de Biblioteconomia da UFMG, prosseguimos com o objetivo geral deste trabalho que é de analisar os discursos acerca da biblioteca e do bibliotecário publicados na Revista de Biblioteconomia da UFMG, durante a década de 1980.

Os anos da década de 1980 são marcados por diversos acontecimentos importantes para a Biblioteconomia no Brasil. Souza (2009) chama a atenção para as discussões do segundo currículo mínimo que se concretiza com sua publicação em 1982. Inclusive há vários artigos acerca do ensino³ da Biblioteconomia na Revista de Biblioteconomia da UFMG, tais resultados configuram a revista como um *locus* potente para a construção discursiva da Biblioteconomia. Paulo da Terra Caldeira (1990) afirma que, nos quatorze anos de publicação analisados (1972-1986), verificou-se que a ênfase dos assuntos nos dois índices permanece a mesma: Tipos de biblioteca; Funções e serviços da Biblioteca, Ensino de Biblioteconomia, Estudo de usuários, Administração e planejamento, Bibliotecários e bibliotecas Públicas. Temáticas que marcam as publicações acadêmicas veiculadas pela Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

O cenário de profundas transformações históricas no mundo e no Brasil interferem também na Biblioteconomia, não ficando alheia ao embate entre as potências mundiais (Estados Unidos *versus* União Soviética), sendo dentro desse contexto a emergência de uma indústria da informação e o uso cada vez mais crescente do termo “profissionais da informação”. No contexto mais específico do país, a política, a educação, a economia, também estavam passando por grandes mudanças durante essa década, em virtude da instauração do regime militar, que teve início em 1964, e só chegou ao fim em 1985. Esse lamentável acontecimento histórico não é mencionado diretamente como tema nas publicações, mas se pode perceber um olhar crítico para as suas consequências, como, por exemplo, inflação, analfabetismo, aumento do desemprego, das desigualdades sociais que assolavam o país. Outra temática distintiva associada à década de 1980 é a questão da automação, já manifestada nos artigos da Revista de Biblioteconomia de Brasília (Tanus, Oliveira e Araújo, 2022), e a questão do controle bibliográfico que também marca certa presença com os escritos de Paulo da

³ Dentre as produções destacamos: Marysia Malheiros Fiuza (1980), a disciplina de tratamento de materiais especiais no currículo de Biblioteconomia; Vera Lúcia de C. Casa Nova (1980), o ensino/aprendizagem da história da literatura no curso de Biblioteconomia; Odília Clark Peres Rabello (1981), o usuário nos currículos de Biblioteconomia; Ana Maria Athayde Polke (1983), o ensino de biblioteconomia: manutenção ou mudança?; Isis Paim (1983), o ensino da bibliografia especializada; Anna da Soledade Vieira (1983), os caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários; Maria Helena de Andrade (1984), uma experiência do uso de módulos instrucionais na disciplina de "Normalização Bibliográfica"; Marysia Malheiros Fiuza (1985), o ensino da "Catalogação de assunto".

Terra (1984); Jannice de Melo Monte-Mór (1981); Maria Cristina Mello Ferreira Pinto (1987).

Por fim, ressalta-se a importância de não só olhar para o que foi publicado no passado como também trazer de modo mais sistemático o que foi (e ainda é) objeto de preocupação da Biblioteconomia. Os estudos históricos e epistemológicos fortalecem a identidade da Biblioteconomia ao desvelar no tempo presente o universo da produção acadêmica publicada e lida por sua comunidade acadêmica. Dessa forma, essa análise a partir de um recorte temporal, década de 1980, demonstra as preocupações de uma área do conhecimento no seio dos seus acontecimentos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa visa analisar discursos oriundos dos artigos da Revista da Escola de Biblioteca da UFMG, publicados durante a década de 1980, por meio de uma abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica visa explorar os artigos científicos referentes à década supracitada, configurando também a pesquisa como exploratória, conforme seus objetivos. O método de análise utilizado foi o da Análise de Conteúdo (AC) e seguiu os seguintes passos: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretações (Bardin, 2011).

De modo mais detalhado, esclarecemos que no primeiro momento, foi realizada uma mobilização de todos os volumes e números da revista referente à década selecionada a fim de selecionar quais artigos seriam separados para a leitura na íntegra. Destacamos que, durante a década de 1980, a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG publicou (v. 1 ao v. 24) semestralmente. Após a extração dos artigos selecionados realizamos os fichamentos de todos os artigos, que de alguma maneira possibilitasse a discussão das categorias (conceitos) da área: biblioteca e bibliotecário, partimos, então, para a leitura, interpretação e construção deste texto. Foram analisados 53 artigos dentre o universo de mais de 130 artigos publicados durante a década (excluindo as Notas de livros, Relatórios, Resumos de teses). A seguir são apresentadas as leituras dos artigos em processo de análise dos resultados.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 BIBLIOTECA

A discussão sobre as bibliotecas aparece a partir de diferentes tipologias e perspectivas. Maria Antonieta Antunes Cunha, em 1981, já focalizava na biblioteca infantil (ou qualquer tipologia de biblioteca que tenha uma seção infantil). Acerca das bibliotecas públicas destacam-se os autores Victor Flusser (1980), Etelvina Lima (1982), Maria Cecília Diniz Nogueira (1983), Walkíria Toledo de Araújo (1985) e Odília Clark Peres Rabello (1987). A biblioteca escolar comunitária é foco de Márcia Milton Vianna Dumont (1984). A biblioteca universitária é trabalhada por Regina Marteleto (1984) e Jeannette Marguerite Kremer (1984). A discussão sobre bibliotecas especializadas e centros de informação é realizada por Bernadete Campello (1982) e Eduardo Wense Dias (1988), já a discussão sobre a cooperação e redes de bibliotecas é realizada por Thereza de Sá Carvalho (1982), Edith de Andrade Roque Serôa da Motta (1982), e, novamente, Campello (1986) a partir da colaboração do empréstimo entre bibliotecas.

Diante de outras perspectivas suscitadas pelas bibliotecas estão os trabalhos de Cavan Michael Mccarthy e Maria das Graças Targino (1984) que estudaram os materiais

audiovisuais na biblioteca; e, Ana Maria de Rezende Cabral (1984) que abordou a questão da administração das bibliotecas. O planejamento, a formulação de objetivos e a avaliação em bibliotecas é foco de outras duas produções de Odília Clark Peres Rabello (1988). Uma questão urgente à época era a automação das bibliotecas que é discutida por Cavan Michael Mccarthy (1988). E, por fim, mas não menos importante, está a discussão de Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova acerca da importância da literatura de cordel nas bibliotecas (1982) e a relação da sociedade e das bibliotecas, destacamos os trabalhos de Sônia de Conti Gomes (1982) que aborda a influência de fatores socioculturais e econômicos na criação e desenvolvimento de bibliotecas, e Suzana Mueller (1984) que enfatiza a história das bibliotecas públicas.

Maria Antonieta Antunes que estudou as bibliotecas infantis afirma que “Seu valor consiste na visão exata da finalidade do livro e do adequado relacionamento entre o bibliotecário e a criança” (Cunha, 1981, p. 27). Diante desse cenário, é evidente a importância de estabelecer um acervo infantil na biblioteca que possa atender às necessidades desse público frequentemente esquecido quando se trata da representatividade nas bibliotecas independentemente do tipo de instituição. Além desses aspectos, a autora Odília Clark traz questionamentos tendo como enfoque um repensar da relação biblioteca com o hábito da leitura, em especial, com as crianças que estão na base da formação do leitor, “É comum o bibliotecário de uma biblioteca pública infantil preocupar-se em conhecer a atitude das crianças em relação à leitura? Não seria isto um bom começo para um trabalho mais consistente nessa área?” (Rabello, 1987, p. 138). Decerto, é desde a infância que se forma um leitor, assim, essa preocupação com a leitura e com as crianças deve estar presente nas bibliotecas públicas e escolares. Acrescenta ainda que a constituição positiva da leitura, de uma leitura significativa, isto é, aquela que acrescenta algo e não seja um lazer alienado (Rabello, 1987), sendo, portanto, uma leitura marcada pela qualidade e não quantidade de livros de lidos, e, por ventura, depois esquecidos.

A biblioteca pública é analisada a partir de sua demanda social e da realidade em que está inserida, destacando sua importância em manter a comunidade em contato com a informação e o desenvolvimento social e econômico do país. Um dos autores que projeta foco na biblioteca pública comprometida com a comunidade que deseja servir, afirma que:

A biblioteca verdadeiramente pública é a transformação estrutural da biblioteca tal como existente hoje, em uma que participe do processo de dar a palavra ao não público. É necessário que a biblioteca verdadeiramente pública e o não-público ‘façam a mesma língua’ e que o fosso cultural que separa o não-público da cultura seja superado (Flusser, 1980, p. 133).

As discussões em torno da biblioteca pública caminham na direção social de um espaço que deve ser de todos, inclusive dos mais vulneráveis. Diante desse cenário, Nogueira (1983, p. 209) afirma: “As Bibliotecas Públicas brasileiras também não cobrem a sociedade na totalidade. A referida pesquisa em andamento detectou que na Biblioteca Pública de Santa Luzia os usuários pertencem maciçamente à denominada classe média, isto é, o grupo de nível socioeconômico intermediário aos de alto e baixo poder aquisitivo e tem possibilidade de acesso à escolaridade a níveis mais altos”. Além desses aspectos, as questões econômicas e os conflitos de classes, ainda tem o empecilho da localização da própria biblioteca, afastada dos bairros mais carentes.

Araújo (1985) também reforça a ideia de que as bibliotecas públicas podem, sem dúvida, colaborar para reduzir as diferenças socioculturais. Dentro do espírito democrático cabe à biblioteca desempenhar sua função de apoio à educação (formal, com parceria da biblioteca escolar e não-formal que diz respeito à educação para a vida), oferecendo diversas oportunidades para a comunidade que serve. Assim, “[...] lhe é inerente o papel de educar os indivíduos num processo permanente, estando relacionada com a aprendizagem não sistemática, adquirida através de meios de comunicação de massa e de órgãos sócio-culturais” (Araújo, 1985, p. 108). Segundo a autora, “Acredita-se que uma biblioteca pública quando, intencionalmente, atua como centro educativo e cultural, virá a contribuir para a melhoria da qualidade de vida social mais do que outras, que se limitam a prestar serviços de depósito e empréstimos” (Araújo, 1985, p. 113).

A presença da biblioteca pública também se faz presente no texto de Nogueira (1986, p. 246) que expõe a ambivalência de seu papel e o quão importante ela é: “A biblioteca pública é um instrumento ideológico. Sendo assim, exerce não só a função de favorecer a reprodução das relações sociais estabelecidas, mas também o papel de um instrumento auxiliar da edificação de uma nova composição social.” Odília Clark Peres Rabello (1987) também discute a biblioteca pública demonstrando as contradições que há em torno da biblioteca pública, destacando que a biblioteca pública assumiu um papel duplamente contraditório, alinhando-se ideologicamente aos que tradicionalmente detinham o poder econômico e constituíam a minoria da nossa população, opondo-se aos novos tempos de igualdade e democracia (Rabello, 1987).

Ademais, a autora disserta sobre as bibliotecas comunitárias e como o Estado reage a elas: “Os recursos disponíveis para a biblioteca pública no Brasil são sempre poucos e difíceis de serem obtidos. Se as comunidades, carentes, assumem essa obrigação em relação à biblioteca, melhor para o Estado, que se sentirá desobrigado dessa tarefa e continuará com o seu atendimento à classe média, sempre privilegiada.” (Rabello, 1987, p. 34-35). Diante do exposto, percebemos que as bibliotecas comunitárias que nascem no seio da comunidade, causam também certo desconforto, o fato é que não faltam críticas e chamamentos para que as bibliotecas públicas consigam efetivamente se aproximar da comunidade em um sentido mais amplo. Rabello (1987, p. 40-41) conclui que:

O antigo modelo de biblioteca pública implantada no país não conseguiu aproximar a biblioteca do povo. As tentativas de mudança de rumo (como por exemplo, a expansão dos serviços de extensão) não alcançaram grande êxito. Partiam do mesmo princípio — uma biblioteca centralizadora, autoritária, de “cima para baixo”. A grande conclusão que se pode tirar é de que a biblioteca pública procurou alcançar um ideal que funcionava no imaginário dos bibliotecários e que conflitava com o real da sociedade. Precisava-se pensar na biblioteca “às avessas”.

Etelvina Lima (1982, p. 137), sob uma influência de Paulo Freire, de uma educação popular e libertadora, sinaliza para o campo da Biblioteconomia a importância da criação das bibliotecas populares que “se diferenciam das grandes bibliotecas públicas pelo acervo menor e mais especificamente vinculado ao grau de desenvolvimento e aos interesses específicos do grupo a que atenderá”. Autora continua: “Distinguem-se, também, das grandes bibliotecas públicas pelo atendimento mais personalizado que dispersam a seus usuários, visando criar condições para a

continuação de sua educação, empregando para isto, outros recursos, além dos impressos. [...]”. Sendo, tais bibliotecas populares, um dos caminhos efetivos para a prática educativa e transformação social da realidade. Tais artigos nos possibilitam afirmar que há uma “crise das bibliotecas públicas” que é descortinada pelos autores, marcando, fortemente, um pensamento crítico na história da Biblioteconomia.

A problemática das bibliotecas públicas, das bibliotecas escolares, isto é, das bibliotecas com dupla função finalidade “bibliotecas escolares comunitárias” é tema da revisão de literatura da autora Márcia Milton Vianna Dumont (1984). Tal designação de bibliotecas revela a necessidade de atender dois grupos distintos, que compartilham as mesmas motivações sociais e educacionais. Dumont (1984) enfatiza que a biblioteca de dupla finalidade surge com propósitos diversos, sendo reflexo de dificuldades econômicas e a ausência de bibliotecas públicas, bem como ausência das bibliotecas escolares, fazendo que o público utilize as bibliotecas com finalidades diferentes. E, no Brasil, tal realidade não é diferente. A ausência de bibliotecas escolares conduz a um uso dos estudantes nas bibliotecas públicas, entretanto na literatura brasileira a publicação das “bibliotecas combinadas” é diminuta e parques são os exemplos, carecendo de maior investigação dos impactos e das reais motivações para a fusão das bibliotecas de dupla finalidade, conclui a autora.

A biblioteca universitária é preocupação das autoras Maria Consuelo Xavier Lima e Ana Maria Soares (1983) que escrevem um relato de experiência sobre o bibliotecário e o desenvolvimento de pesquisas, revelando a importância da apresentação da biblioteca aos estudantes de um curso de graduação para que possam usufruir dos serviços da biblioteca universitária. Regina Marteleto (1984) analisou a partir da integração entre a biblioteca universitária e a necessidade de informação dos professores com relação às atividades acadêmicas, enquanto o estudo de Jeannette Marguerite Kremer (1984) abordou a importância dos estudos de usuários para o planejamento bibliotecário. De modo subjetivo havia a percepção do afastamento da biblioteca universitária das atividades de ensino e pesquisa a depender da área e dos profissionais que nela atuavam, funcionando mais de modo estático (Marteleto, 1984), por isso, empreendeu-se um estudo exploratório com a comunidade acadêmica, particularmente, com os docentes que sinalizaram:

Apesar de serem variadas as opiniões dos professores, observou-se que de uma maneira geral eles consideram a biblioteca como parte integrante do ensino; o seu uso deveria fazer parte dos programas de curso, pois é um recurso educativo e por isso deveria ser ‘atuante, dinâmica e integrada ao ensino’. Foi ainda ressaltada a sua importância como orientadora e incentivadora da pesquisa, pois ‘fornece informações atualizadas, permitindo um maior detalhamento do assunto estudado em sala de aula’, tornando-se então um fator considerável na formação do aluno (Marteleto, 1984, p. 131).

Em vista do exposto, a autora Kremer (1984) chama atenção para os estudos de usuários em bibliotecas universitárias, os quais têm como “objetivo de conhecê-los para melhor poder servi-los nas suas necessidades educacionais, didáticas, profissionais e de pesquisa [...]”. A literatura nesse campo é ainda bastante pobre, incluindo menos trabalho do que seria previsível [...]” (Kremer, 1984, p. 234-235). A autora reafirma a necessidade de se estudar o usuário, independentemente do tipo de biblioteca, e tal preocupação parecem em crescimento. Ela destaca que: “Há também uma grande necessidade de estudos de não-usuários dessas bibliotecas. Sem essa abordagem, os

serviços estarão sendo sempre mais adequados às demandas e necessidade daqueles que já os utilizam, e provavelmente estarão, por outro lado, se distanciando cada vez mais das necessidades dos não-usuários.” (Kremer, 1984, p. 254).

A discussão referente a materiais não convencionais em bibliotecas especializadas é abordada pela autora Bernadete dos Santos Campello (1982) ela disserta sobre a importância de se ter materiais não convencionais para manter as bibliotecas ricas em informação a partir dos seguintes recursos: teses, dissertações e relatórios técnicos. Segundo Campello “Por tudo isso se observa que a coleção de uma biblioteca técnica não pode ficar restrita aos materiais convencionais, pois neste caso estaria negligenciada a sua parte mais rica em conteúdo informacional” (1982, p. 41). A autora destaca ainda que: “É essencial aqui a cooperação com bibliotecas congêneres, pois normas técnicas são publicações dinâmicas e muitas vezes solicitadas com urgência, o que obriga o bibliotecário a lançar mão de esquemas cooperativos. São também documentos sujeitos a revisões e modificações constantes.” (Campello, 1982, p. 46). A cooperação entre bibliotecas é um dos enfoques das produções acadêmicas, sendo também objeto de interesse de Thereza de Sá Carvalho (1982, p. 73-74), a saber:

A cooperação entre bibliotecas torna-se cada dia mais imprescindível em consequência de vários fatores, tais como: a crescente prodígio da literatura especializada, causa e efeito do avanço científico e tecnológico no mundo moderno; a grande demanda da informação bibliográfica proveniente, sobretudo no Brasil, da expansão do ensino e da pesquisa nas universidades; a insuficiência de recursos específicos para a aquisição, o tratamento e, por conseguinte, a real utilização do material bibliográfico, particularmente nas regiões menos desenvolvidas. Motivos como esses vêm comprovar que nenhuma biblioteca, por melhor equipada que pareça estar, poderá sobreviver ou se tornar elemento de utilidade quando atua isoladamente. A sua interligação, o seu intercâmbio com órgãos afins é indispensável ao desempenho das suas atribuições, visando o desenvolvimento de uma comunidade.

Outro tema relacionado às bibliotecas que começa a ganhar destaque é a questão da administração e planejamento de bibliotecas. A biblioteca necessita de uma estrutura mais dinâmica na atualidade diante da grande demanda de produções e publicações de trabalhos informacionais, em vista disso Ana Maria de Rezende Cabral (1984, p. 78) enfatiza que: “[...] estilo administrativo autoritário, tornou-se um obstáculo à consecução de seus objetivos que exige formas de administração mais ágeis”, e destacamos que:

Especialmente nas bibliotecas, cuja função social foi ampliada consideravelmente, não cabe mais um estilo administrativo burocrático, com autoridade e controle nas mãos de uma única pessoa. Ao contrário, é preciso o trabalho conjunto de bibliotecários com suficiente autonomia e espírito de colaboração para trocar idéias e experiências, de modo a propor soluções adequadas aos problemas da área e proporcionar melhores serviços aos usuários (Cabral, 1984, p. 88).

Em outro caminho, destacamos a produção de Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova (1982), que destaca a importância da literatura de cordel e a dificuldade de acesso a essa produção, inclusive nas universidades e nas bibliotecas públicas. “O cordel-resistência/sobrevivência cultural” é um discurso de resistência em meio a um sistema

que mantém esse afastamento/apagamento da cultura alimentando as relações de poder e de distinção entre as classes. Como reitera a autora: “A literatura das classes dominadas, a fala do povo, resistência à tentativa de hegemonia da classe dominante através da indústria cultural, não é encontrada nas estantes das bibliotecas. Isso prova de certa forma como a identidade cultural e social do povo brasileiro anda por baixo.” (Casa Nova, 1982, p. 7). E, de modo, contraditório, os outros países parecem valorizar mais a cultura brasileira que o próprio país, pois “[...] as universidades europeias já se dedicam, em suas pesquisas, a recolher vasto material (cf. Sorbonne, e mais recentemente a Alemanha). Vemos assim repetir-se a velha história brasileira: depois que os estrangeiros dão valor às nossas produções, é que os intelectuais e técnicos brasileiros se voltam para elas!” (Casa Nova, 1982, p. 11).

A partir disso, é visível a necessidade da literatura e da cultura do povo na biblioteca, ou melhor, que os não-usuários se tornem usuários efetivos das bibliotecas independente de sua tipologia. Os bibliotecários são chamados para a construção de uma biblioteca mais dinâmica, mais representativa, que promova impactos positivos na comunidade. Sendo, demanda urgente:

A biblioteca precisa perder a sua imagem de instituição que está a serviço somente das classes dominantes, de mudar sua postura estática de espera do usuário e ir até eles, especialmente dos despreparados e impossibilitados, mostrar-lhes a riqueza e o prazer da leitura, preparando-lhes para atuar como força transformadora da realidade que lhe é imposta (Macedo, 1986, p. 215).

Essa visão da biblioteca nos faz destacar, novamente, Flusser (1983) que afirma em termos práticos, a biblioteca-centro cultural é uma instituição que, a partir da cultura literária, irradia estímulos em direção de um grupo determinado de pessoas (estímulos esses frutos de um trabalho de interação biblioteca-centro cultural com a população dada), que tem por meta o desenvolvimento cultural integrado da comunidade. Por fim, como destacado por Gomes (1982) a criação e desenvolvimento de bibliotecas envolvem fatores socioculturais, que estão dentro de uma estrutura social, envolvendo a ligação biblioteca/cultura e biblioteca/sociedade. Essa introdução do pensamento sociológico na literatura da Biblioteconomia a coloca numa posição singular e de contato com as Ciências Sociais que é extremamente profícuo, inclusive para se pensar a biblioteca como uma instituição social, ou melhor, “A biblioteca é uma agência social de natureza complexa” (Gomes, 1982, p. 19).

3.2 BIBLIOTECÁRIO

A abordagem acerca do bibliotecário assume um maior espaço nas produções de Lenira Corsetti (1982), Victor Flusser (1982), Bernadete Santos Campello (1982), Nice Menezes Figueiredo (1984), Paulo da Terra (1983, 1984), Walkíria Toledo de Araújo (1985), Anna da Soledade Vieira (1983), Geraldina Porto Witter (1989) e Cavan Michael Mccarthy (1989). Alguns adjetivos que se fazem presentes e qualificam o trabalho do bibliotecário, são: bibliotecário animador, bibliotecário mediador, bibliotecário de referência, bibliotecário como bibliógrafo. A missão do bibliotecário como educador se revela também na discussão acerca da educação ambiental e da informação ambiental, como sendo da responsabilidade da biblioteca e do bibliotecário participar do movimento ecológico, tornando-se ele mesmo ativista da causa universal (Vieira, 1986).

Há também o uso dos “profissionais da informação” (Vieira, 1983, Vieira; Paim, 1989) que tem como objeto de estudo e trabalho a informação (conhecimento registrado e comunicado). Briquet de Lemos (1983) também faz uso do termo “profissionais da informação” no texto em que discutiu a desigualdade e as relações de poder quanto à transferência da informação entre os países do Norte e Sul global. Destarte, “Os profissionais da informação dos países em desenvolvimento devem assumir um papel crítico em face da questão da transferência da informação” (Briquet de Lemos, 1983, p. 70), em que “[...] a informação tem servido para perpetuar mecanismos de dependência e de desagregação social e cultural dos países desenvolvidos” (Briquet de Lemos, 1983, p. 70). Uma importante contribuição para a área que hoje, inclusive, tem recebido um espaço maior nos debates.

De modo geral, Corsetti (1982) aborda a importância da criatividade dos bibliotecários que envolvem seu esforço individual e também a área (órgão de classe, às escolas), pois “[...] o bibliotecário será solicitado a utilizá-la cada vez mais nas próximas décadas e que ele deverá fazê-lo, independentemente da formação acadêmica que possuir, baseado no seu esforço individual e na sua autoeducação” (Corsetti, 1982, p. 228). Numa dimensão de mudança estrutural (da profissão e da área) e não a mera inclusão de disciplina tal qual a criatividade está também à animação. Para Victor Flusser (1982), a animação seria uma dimensão prática política do bibliotecário animador que é um sujeito consciente da sua importância para a sociedade, atento à realidade e a sua prática, mas isso não significa que a parte técnica deva ser desprezada em sua formação. Segundo o autor, a formação “não deve ser uma formação distinta da do bibliotecário *tout court*, pois todo profissional em Biblioteconomia deve possuir o instrumental para a reflexão social de seu gesto de trabalho.” (Flusser, 1982, p. 231), além disso, o autor ainda afirma que:

Durante todo o ciclo de formação, o bibliotecário animador deverá ter um constante contato com a sua realidade profissional, para assim receber e analisar criticamente as informações técnicas e humanísticas que lhe serão transmitidas nos diversos seminários teóricos. Esta formação prática é da maior importância para o futuro bibliotecário-animador, pois além de lhe permitir uma experiência ‘de campo’, é um instrumento privilegiado de conhecimento e sobretudo de criação. É na formação prática que o estudante encontrará o material bruto sobre o qual ele edificará o seu conhecimento, e também a possibilidade de se engajar criativamente na sua realidade profissional [...]. (Flusser, 1982, p. 235).

Esse perfil de bibliotecário animador “agente catalisador do diálogo cultural, diálogo ação, ação cultural” (Flusser, 1982, p. 230) vai ao encontro do que se espera de um profissional comprometido com a democratização cultural. Outrossim, a biblioteca pública é um terreno fértil para a ação desse bibliotecário, como bem posto: “no que concerne à concretização dos objetivos e funções da biblioteca pública, o elemento-chave é, sem dúvida, o bibliotecário”, visto como um “agente social e da educação para a comunidade” (Araújo, 1985, p. 116). Por ser a biblioteca uma instituição social - um centro provedor de informação, cultura, educação e lazer - cujo compromisso envolve o desenvolvimento social e econômico, “o bibliotecário, conseqüentemente, tem sua parcela de responsabilidade e competência no desenvolvimento do país” (Araújo, 1985, p. 117). Ainda mais quando as desigualdades sociais se materializam entre aqueles que acessam as bibliotecas (usuários) e os não-usuários (não público), sendo, ainda mais

indispensável o papel do bibliotecário como mediador entre a pessoa (por extensão a sociedade) e o conhecimento registrado (Polke, 1983).

A biblioteca especializada, marcada por acervos não convencionais, é objeto de atenção de Campello (1982) que aborda: “O bibliotecário especializado não pode limitar seu trabalho aos materiais convencionais, que atualmente já não suprem as necessidades de informação de pesquisadores e técnicos” (1982, p. 50), inclusive o tratamento técnico desse material deve ser diferente, envolvendo a seleção e a aquisição. Assim sendo, o bibliotecário necessita compreender seu usuário e entender o tipo de informação que este necessita. Dessa forma, é importante ressaltar a importância da experiência do bibliotecário para auxiliar os usuários adequadamente, a autora Nice Menezes Figueiredo (1984) afirma que:

O bibliotecário de referência deve ser treinado para atuar de maneira consciente e responsável como intermediário entre o usuário, em qualquer tipo de biblioteca, e a informação, como foi dito, em qualquer formato em que ela se apresente ou seja requerida pelo usuário. Ao mesmo tempo em que atua com essas obrigações, o bibliotecário de referência deve ser conscientizado de que ele representa tudo o que a biblioteca é ou tem a oferecer àqueles que a ela recorrem (Figueiredo, 1984, p. 57).

Figueiredo (1984, p. 56) afirma que sem uma excelente compreensão do acervo e uma boa base de ensino por parte do bibliotecário ele não conseguirá atingir as necessidades do usuário em que ele deve servir “[...] há uma necessidade premente de se melhorar a educação do bibliotecário de referência para que ele atue de maneira competente no processo de referência, ou seja, no processo de responder às questões propostas pelo usuário”. A demanda de funções por parte do bibliotecário será bem realizada a partir do treinamento, ensino e grau de experiência do bibliotecário de referência, profissional que supriria as dúvidas e necessidades do usuário de modo mais próximo. O conhecimento acerca das bibliografias e seus processos envolvem também o fazer do bibliotecário de referência.

Os bibliotecários enquanto bibliógrafos são aqueles responsáveis pela organização bibliográfica que envolve as compilações bibliografias e de outras fontes de informação, como, por exemplo, guias, obras de referência, catálogos coletivos, diretórios de pessoas e instituições, etc. Profissionais que contribuem para o desenvolvimento das pesquisas científicas e para o aprimoramento dos serviços bibliográficos no país (Caldeira, 1983), além de atribuições como, por exemplo:

1. Determinação dos registros bibliográficos completo e exaustivo de determinada área;
2. Fidedignidade dos dados arrolados;
3. Utilização de mecanismos adequados para a obtenção dos dados, através de depósito legal das obras, ou por acordos bilaterais entre a instituição e bibliotecas com acervos abrangentes ou especializados (Caldeira, 1983, p. 92-93).

Inúmeros são os desafios que envolvem o controle bibliográfico universal e no próprio país, a começar pela falta de aplicação da lei do depósito legal e pela limitação de pessoas e espaços da agência brasileira, a Biblioteca Nacional. Caldeira (1984, p. 281) diante da discussão deste tema reforça ainda que “é importante que os bibliotecários adotem um posicionamento crítico de modo a se adaptarem, rápida e efetivamente, às mudanças tecnológicas, o que lhes possibilitará utilizar processos eletrônicos na

manipulação, comunicação e armazenagem dos dados bibliográficos”. Destarte, podemos perceber novamente o chamamento para o pensamento crítico que também deve fazer parte do debate do controle bibliográfico tão em voga nas produções da década de 1980.

Tendo em vista que ao passar dos anos o avanço da tecnologia vem se aperfeiçoando e sendo inserida em diversas áreas, é perceptível que a automação passa a ser preocupação da Biblioteconomia. Cavan Michael Mccarthy (1989) apresentou que “Infelizmente o bibliotecário não dispõe de experiências que possam contribuir para enfrentar a automação. Os equipamentos mais comuns em bibliotecas limitam-se a máquinas de escrever e fotocopiadoras” (Mccarthy, 1989, p. 8), não ainda havendo uma mudança estrutural nas bibliotecas e nos profissionais. Sobre o próprio bibliotecário residem ainda desafios de cunho particular, tendo em vista que “Em geral, as pessoas que optam pela biblioteconomia demonstram maior interesse nas humanidades e raramente têm base em matemática, ciências exatas ou computação. O número de bibliotecários que desejam aprofundar-se em computação ainda é limitado (Mccarthy, 1989, p. 10), contudo, as “oportunidades douradas” serão reservadas aos bibliotecários que se envolverem com as tecnologias (Mccarthy, 1989, p. 21). Outro dificultador, destacado pelo autor, passa pela formação dos bibliotecários que “[...] aprendem, durante seus cursos formais, como seguir regras e manuais, depois passam suas carreiras aplicando esses procedimentos. Eles recebem pouco treinamento na avaliação e implantação de sistemas novos, e alguns custam a compreender que é possível mudar sistemas existentes” (Mccarthy, 1989, p. 10).

Outro autor que contribui com seu estudo em torno da necessidade de treinamento por parte do bibliotecário é Nice M. de Figueiredo (1982, p. 205), ela afirma que “Um programa de treinamento deve ser também realizado para preparar os bibliotecários no uso da biblioteca, e/ou do sistema no qual ele irá atuar, para conhecer as coleções, serviços, objetivos e normas; o treinamento introdutório geral deve ser suplementado por treinamento em serviço em cada departamento da biblioteca, enfatizando-se as relações entre os serviços técnicos e públicos. O treinamento contínuo deve manter o bibliotecário atualizado a respeito das mudanças nas coleções, serviços, normas e outros tópicos relacionados.” É interessante analisar que mesmo após a graduação os bibliotecários necessitam ser treinados e se especializarem sempre, pois a informação e os meios que são utilizados para disseminar ela sempre estão avançando e sendo automatizados cada vez mais para facilitar o dia a dia de todas as profissões, porém, ainda ocorrem dificuldades para diversos bibliotecários se adaptem às novas ferramentas tecnológicas.

Além da área da informática ser necessária para os bibliotecários exercerem suas funções para saberem lidar com os sistemas e as novas tecnologias inseridas na Biblioteconomia, as áreas que seriam interessantes serem inseridas no currículo do bibliotecário é referente à Psicologia e Pedagogia, a autora que traz reflexões em torno disso é Anna da Soledade Vieira (1983), ela afirma que: “Haverá situações em que as metodologias convencionais deverão ceder lugar a adaptações ou novas criações a serem feitas pelo próprio bibliotecário. Dentro de tal perspectiva, é impossível pensar o profissional da informação sem demandar dele grande parcela de flexibilidade e criatividade, ainda mesmo nos casos em que sua atividade for o tratamento da informação do ponto de vista puramente técnico” (Vieira, 1983, p. 255-256). Assim, a constituição de metodologias inovadoras envolve outros campos do conhecimento e

“Esse conteúdo seria de especial importância na transformação do perfil típico do bibliotecário convencional, muito afeito a seguir acriticamente normas e padrões.” (Vieira, 1983, p. 257-258). É interessante analisar a perspectiva desta autora, pois é diante da criatividade e da flexibilidade que um bibliotecário conseguirá se adaptar às necessidades de qualquer usuário independente do público alvo que ele vá exercer sua função.

A leitura é outra categoria amplamente discutida nos artigos analisados, seja ela na biblioteca ou referente ao bibliotecário, ao se compreender a prática de leitura, independente de qual seja o tipo de biblioteca, é essencial para o bibliotecário saber como pôr em prática as melhores estratégias para incentivar a leitura em seu local de trabalho. Diante desta perspectiva, a autora Geraldina Porto Witter (1989, p. 24) discorre sobre a leitura e o bibliotecário ao afirmar que “Considerando as funções modernas a serem exercidas pelo bibliotecário, há que se destacar seu trabalho como educador, quer ele atue em uma biblioteca escolar, quer exerça suas atividades em qualquer outro tipo de entidade. Isto coloca em destaque suas atividades no que tange à leitura.”. Além de ser necessário compreender a especialização para se colocar em prática o incentivo à leitura, o bibliotecário deve estar apto a ser flexível em qualquer cenário em que a biblioteca esteja inserida, pois as bibliotecas possuem público alvo distinto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras dos artigos selecionados para a composição do *corpus* desta pesquisa possibilitaram compreender o que estava sendo publicado na década de 1980, na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Encontramos vários autores que defendem o impacto da biblioteca no tocante à dimensão social, econômica, política, cultural, tanto no plano individual quanto no coletivo, isto é, com vistas ao desenvolvimento do país. É potente a presença da discussão acerca da biblioteca pública, bem como a dimensão crítica dos discursos que aponta que elas se vinculam mais a um afastamento da grande maioria da população, sendo utilizadas mais por uma classe privilegiada. O não-público ou não-usuário estão alijados das instituições sociais que são as bibliotecas, fazendo com o que as funções sociais tanto dos profissionais quanto das instituições fiquem comprometidas, reforçando as desigualdades sociais e fortalecendo a manutenção de uma certa ordem social.

Não distante, estão também às denúncias de um país que não coloca como foco a questão da biblioteca, da leitura, da educação e a “questão ecológica” (Vieira, 1986). Como bem disse Araújo (1985, p. 30) o “Brasil ostenta uma alta taxa de analfabetismo, construindo um forte obstáculo para o desenvolvimento da leitura”, a inflação e o custo de vida impedem a compra de livros no país das classes menos favorecidas. Esse contexto brasileiro, marcado pela designação à época de “país de terceiro mundo”, ademais, da vinculação a um regime autoritário extenso que foi o da ditadura civil-militar (1964-1985), causou profundas marcas na história do país. De modo que, “As condições econômicas, sociais e políticas peculiares aos países em desenvolvimento tendem a atuar negativamente na criação e desenvolvimento de bibliotecas, oferecendo mais limitações que estímulo” (Gomes, 1982, p. 156).

Aparecem nos textos críticas da certa apatia dos bibliotecários, os quais parecem mais afeitos às rotinas burocráticas, o que impacta inclusive a construção epistemológica da Biblioteconomia, pois “[...] os bibliotecários estão mais envolvidos

com rotinas e distantes das especulações teóricas (Andrade; Metchko; Solla, 1981). Para afastar desse cenário é destacado a importância dos aspectos sociais e políticos da profissão que podem ser inseridos desde a graduação e, assim, facilitar assim a consolidação do mesmo como agente social diante da sociedade a partir da elaboração de um pensamento crítico. De uma maneira mais contundente, Macedo (1986) expõe que o bibliotecário e a Biblioteconomia estão comprometidos com a mudança, mas há que refletir se é da manutenção do *status quo* ou a transformação em uma sociedade mais justa, mais solidária, com mais respeito e dignidade. Sendo o compromisso social uma responsabilidade política, pois “a nossa atuação profissional jamais pode ser politicamente neutra” (Macedo, 1986, p. 217), assim, cabe aos bibliotecários o compromisso com o maior segmento da sociedade que se encontra alijado do acesso à educação, cultura e informação, bem como da riqueza que ela mesma produz.

Ao falar em profissional o termo “profissional da informação” aparece em algumas produções, de modo que se busca ampliar a atuação e escopo da Biblioteconomia do objeto de estudo e trabalho como sendo a informação, e, com isso, “O profissional da informação deveria ser visto como um agente social com função de catalisador e difusor do conhecimento socialmente produzido, tendo como objetivos maiores a realização do potencial dos indivíduos e a melhoria da qualidade de vida para a sociedade como um todo” (Vieira, 1983, p. 254-255), o que ocasionaria mudanças e reflexões no currículo e impacto no mercado de trabalho. Contudo, tal presença do termo ainda não é dominante nos artigos ora analisados.

Por sua vez, não é incomum encontrar considerações críticas gerais do ensino da Biblioteconomia (Polke, 1983; Vieira, 1983, 1989), ou destacando a importância de disciplinas no currículo como “História da literatura” (Casa Nova, 1980) e “Estudos de usuários” (Rabello, 1981, 1983) ou, ainda, proposições de uma especialização voltada para o “bibliotecário administrador de programas de leitura”, que abarcaria no currículo as seguintes matérias: Linguística, Psicologia da linguagem, Leitura e pesquisa (Witter, 1989). Vale mencionar que o segundo currículo mínimo aprovado, em 1982, e tal aprovação como o primeiro não satisfaz toda a classe, havendo, ainda, diversas manifestações contrárias à “camisa-de-força” deste novo/velho currículo (Polke, 1983, p. 14). Dentre as demandas, de modo geral, estão à construção de um perfil mais crítico, isto é, menos afeito a seguir modelos, normas, padrões e serviços estrangeiros que são assimilados com facilidade, mais dinâmico, mais criativo, mais voltado para a ação cultural, para a leitura, e para a mediação da informação (embora, este último termo não apareça como demanda explícita).

A questão da automação, das tecnologias, se faz também presente na década de 1980, que reverbera numa possível mudança do perfil do bibliotecário, do seu ensino, e do campo da Biblioteconomia. Para McCarthy (1989) a modernização e a expansão da Biblioteconomia exigem a inclusão da automação, de modo que “os computadores oferecem aos bibliotecários a possibilidade de atualizar a imagem da sua profissão e das suas instituições. A biblioteca automatizada sai das trevas diretamente para o século vinte e um; o problema é que esse caminho não está aberto para todas”. Efetivamente é um momento de incorporação do computador e de processos tecnológicos na área. Não poderíamos deixar de mencionar a importância atribuída à discussão do controle bibliográfico, às bibliografias, aos catálogos (Fiuza, 1980a), e ao ensino de bibliografia (Monte-Mór, 1981, Paim, 1983; Caldeira, 1984, 1985; Pinto, 1987) que são práticas

exercidas tradicionalmente pelos bibliotecários, e que também vem sofrendo transformações com a entrada da tecnologia.

O usuário assume também um espaço maior, em particular, os “estudos de usuários” nas práticas bibliotecárias e nas produções, com o desejo maior inclusive de uma disciplina específica e consolidação de um campo (Rabello, 1981, 1983), bem, o fato é que “Não restam mais dúvidas que esses estudos podem fornecer subsídios valiosos para a implantação de serviços bibliotecários, para a avaliação de serviços prestados e de coleções, e para o planejamento de programas de treinamento de usuários (Kremer, 1985, p. 255). A dimensão de uma gestão mais democrática da biblioteca reverberou na discussão sobre os estilos de administração, sendo emblemática a seguinte frase de Ana Cabral que critica o padrão burocrático, voltando-se para uma administração participativa, ainda alternativa, enfim, “Se no momento político as palavras de ordem são democracia e participação, vamos aproveitá-la para democratizar nossas bibliotecas, enquanto é tempo!” (Cabral, 1984, p. 89).

Em suma, foi perceptível a presença de pesquisadores de Minas Gerais em boa parte dos artigos, como, por exemplo: Ana Maria de Rezende Cabral; Bernadete Santos Campello; Maria Antonieta Antunes Cunha; Márcia Milton Vianna Dumont; Jeannette Marguerite Kremer; Etelvina Lima; Odília Clark Peres Rabello; Anna da Soledade Vieira, Vera Lúcia Casa Nova, Paulo da Terra Caldeira. Tal resultado revela uma tradição de pesquisa em Biblioteconomia na antiga Escola de Biblioteconomia da UFMG, que, desde 1976, abrigava o programa de pós-graduação em Administração de Bibliotecas (desde 1991, Ciência da Informação). Tal relação entre às publicações dos pesquisadores (muito provavelmente mestres e/ou professores da Escola) no periódico da instituição de trabalho e/ou estudo pode ser visto como um fortalecimento da produção acadêmica e do programa de pós-graduação em Biblioteconomia em vigor naquele contexto. Por fim, a título de curiosidade dentre os autores de outras nacionalidades publicados na Revista de Biblioteconomia da UFMG que tiveram seus traduzidos para o português estão: Robert Estivals, Maurice Line, Stephen Vickers, Paul Kaegbein, Ursula Ephraim Katzenstein, Mary Stela Molle, R. E. Wiggins, e os princípios de indexação do UNISIST (*United Nations International Scientific Information System*), o que demonstra a introdução de influências estrangeiras na construção do pensamento biblioteconômico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. M. C.; METCHKO, D. M. B.; SOLLA, S. R. C. Algumas considerações acerca da situação epistemológica da biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 2, 1981.

ARAÚJO, W. T. A biblioteca pública e o compromisso social do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 14, n. 1, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASSO, I. S.; BETTINI, R. F. A. J. A abordagem sócio-política em disciplinas do novo currículo de biblioteconomia: relato de uma experiência. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 16, n. 1, 1987.

CABRAL, A. M. R. Participação e bibliotecas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, 1984.

CALDEIRA, P. T. A situação do Brasil em relação ao controle bibliográfico universal. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 2, 1984.

CALDEIRA, P. T. Duas experiências de ensino da disciplina bibliografia brasileira. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 14, n. 1, 1985.

CALDEIRA, P. T. Subsídios para a determinação de bibliógrafos brasileiros. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 1, 1983.

CALDEIRA, P. T. Revista da escola de biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 19, n. esp., 1990.

CAMPELLO, B. D. S. Empréstimo entre bibliotecas: uma revisão de literatura. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 1, 1986.

CAMPELLO, B. D. S. Materiais não convencionais em bibliotecas especializadas: relatórios técnicos, teses e dissertações, normas técnicas e patentes. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 1, 1982.

CARVALHO, T. S. A cooperação a nível das bibliotecas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 1, 1982.

CASA NOVA, V. L. C. C. Cordel e biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 1, 1982.

CASA NOVA, V. L. C. C. O ensino / aprendizagem da história da literatura no curso de biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, 1980.

CORSETTI, L. Criatividade & biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, 1982.

CUNHA, M. A. A. Biblioteca infantil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 1, 1981.

DIAS, E. J. W. A abordagem dos papéis gerenciais de Mintzberg e sua aplicação a bibliotecas e centros de informações. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 14, n. 1, 1985.

DIAS, E. J. W. Trabalho gerencial em bibliotecas especializadas/centros de informações no Brasil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 17, n. 1, 1988.

DUMONT, M. M. V. Bibliotecas escolares comunitárias: uma revisão bibliográfica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 2, 1984.

FIGUEIREDO, N. M. Estudos de uso de catálogo. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, 1982.

FIGUEIREDO, N. M. O bibliotecário de referência: métodos e técnicas de ensino. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, 1984.

FIUZA, M. M. A disciplina tratamento de materiais especiais nos currículos de biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 1, 1980.

FIUZA, M. M. Funções e desenvolvimento do catálogo: uma visão retrospectiva. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, 1980a.

FLUSSER, V. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, 1983.

FLUSSER, V. O bibliotecário animador: considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, 1982.

FLUSSER, V. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, 1980.

GOMES, S. C. Biblioteca e sociedade: uma abordagem sociológica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 1, 1982.

GOMES, S. C. Criação e desenvolvimento de bibliotecas e variáveis sócio-culturais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, 1982a.

KREMER, J. M. Considerações sobre estudos de usuários em bibliotecas universitárias. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 2, 1984.

LEMOS, A. A. B. A transferência de informação entre o norte e o sul: utopia ou realidade? **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 1, 1983.

LIMA, E. Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, 1982.

LIMA, M. C. X.; SOARES, A. M. O bibliotecário e o desenvolvimento da pesquisa. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 1, 1983.

MACEDO, I. F. A ideologia na biblioteconomia: uma reflexão. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, 1986.

MARTELETO, R. Necessidades de informação de professores e integração entre a biblioteca universitária e atividades acadêmicas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, 1984.

MCCARTHY, C. M. O comportamento do bibliotecário diante da informática. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 18, n. 1, 1989.

MCCARTHY, C. M. Problemas na automação de bibliotecas e sistemas informacionais no Brasil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 17, n. 1, 1988.

MCCARTHY, C. M.; TARGINO, M. D. G. Materiais audiovisuais na sociedade e nas bibliotecas brasileiras. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 2, 1984.

MONTEMÓR, J. M. Controle bibliográfico nacional. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 1, 1981.

MOTTA, E. A. R. S. A implantação de redes de bibliotecas: um problema ou uma solução? **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, 1982.

MUELLER, S. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, 1984.

NOGUEIRA, M. C. D. A realidade da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, 1983.

NOGUEIRA, M. C. D. Biblioteca pública: a ambivalência de seu papel. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, 1986.

PAIM, I. O ensino da bibliografia especializada. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, 1983.

PINTO, M. C. M. F. Catálogos & bibliografias: evolução histórica do trabalho de controle bibliográfico. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 16, n. 2, 1987.

POLKE, A. M. A. Ensino de biblioteconomia: manutenção ou mudança?. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 1, 1983.

RABELLO, O. C. P. Atividades de leitura em biblioteca: equívocos de uma prática. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 16, n. 2, 1987.

RABELLO, O. C. P. Da biblioteca pública a biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 16, n. 1, 1987.

RABELLO, O. C. P. O usuário nos currículos de biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 2, 1981.

RABELLO, O. C. P. Planejamento e avaliação em bibliotecas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 17, n. 2, 1988.

RABELLO, O. C. P. Planejamento e formulação de objetivos em bibliotecas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 17, n. 1, 1988.

RABELLO, O. C. P. Usuário: um campo em busca de sua identidade?. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 1, 1983.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. Florianópolis, SC: UFSC, 2009.

TANUS, G. F. S. C.; OLIVEIRA, R. C. G.; ARAUJO, D. S. A biblioteconomia brasileira na década de 1970: um olhar discursivo a partir dos artigos publicados na **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. **Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação**, v. 15, p. 669-688, 2022.

TANUS, G. F. S. C.; SILVA, G. B.; OLIVEIRA, R. C. G. A biblioteconomia brasileira na década de 1980: um olhar discursivo a partir dos artigos publicados na revista de biblioteconomia de Brasília. **Logeion: filosofia da informação**, v. 9, p. 178-198, 2023.

TENOPIR, C.; KING, D. W. A importância dos periódicos para o trabalho científico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n. 1, 2001.

VIEIRA, A. S. Caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, 1983.

VIEIRA, A. S. Pra não dizer que não falei de flores: uma proposta ecológica para a biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, 1986.

VIEIRA, A. S.; PAIM, I. Revisitando o mercado de informação: novo currículo, novo profissional? **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 18, n. 1, 1989.

WITTER, G. P. A leitura e o bibliotecário: considerações sobre especialização. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 18, n. 1, 1989.